

A terminologia do carro de boi no vocabulário rural de Passos (MG)

The terminology of the ox cart in the rural vocabulary of Passos (MG)

La terminología del coche de buey en el vocabulario rural de Passos (MG)

Gisele Aparecida Ribeiro¹; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra²; Carolina Taciana Pinati¹;
Rosânia Aparecida de Sousa Fonseca¹; Marcelo Santos³

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo a apresentação da terminologia do carro de boi presente no vocabulário rural do município de Passos, que se localiza na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais. A proposta, desta análise, foi mostrar que os estudos terminológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem. Os resultados obtidos por meio de nossa pesquisa evidenciaram aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do carro de boi na cultura e economia do município pesquisado.

Palavras-chave: Léxico, Terminologia, Carro de Boi, Sul de Minas Gerais, Passos.

Abstract: The present work had the objective of presenting the terminology of the ox cart present in the rural vocabulary of the municipality of Passos, which is located in the southern / southwest mesoregion of Minas Gerais. The purpose of this analysis was to show that the terminology studies show a close relationship between the man, the culture and the environment in which they are inserted. The results obtained through our research evidenced historical, social and cultural aspects of the region, highlighting the importance of the ox cart in the culture and economy of the municipality surveyed.

Keywords: Lexicon, Terminology, Ox Cart, Southern Minas Gerais, Passos.

Resumen: El presente trabajo tuvo como objetivo la presentación de la terminología del coche de buey presente en el vocabulario rural del municipio de Passos, que se ubica en la mesorregión sur / suroeste de Minas Gerais. La propuesta de este análisis fue mostrar que los estudios terminológicos apuntan estrecha relación entre el hombre, la cultura y el ambiente en que se insertan. Los resultados obtenidos a través de nuestra investigación evidenciaron aspectos históricos, sociales y culturales de la región, destacando la importancia del coche de buey en la cultura y economía del municipio investigado.

Palabras-clave: Léxico, Terminología, Coche de Boi, Sur de Minas Gerais, Pasos.

INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a língua seja dinâmica, já que é considerada o grande instrumento da interação humana. Essa dinamicidade concentra-se especialmente no nível lexical, sistema aberto favorável a constantes transformações – as palavras resumem a maneira como os falantes veem a realidade, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um grupo social. Dessa forma, é através do léxico que também são apreendidas a organização e as transformações sociais, econômicas e culturais de uma comunidade.

Afirma Biderman (1978, p.19) que o léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual da língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo. Tomando como base essa assertiva, podemos dizer que, ao investigar o léxico de uma língua, investimos, também, sua cultura.

Como moradora da cidade de Passos, vivendo e trabalhando como educadora nesse município, propus-me a realizar um estudo linguístico com enfoque no vocabulário rural dessa região do Sul de Minas, tendo como embasamento o tripé léxico, cultura e sociedade.

Por vocabulário rural, entende-se, neste trabalho, a variedade do português brasileiro falada em áreas rurais brasileiras, pelo “caipira” (Amaral, 1982).

Nesse universo rural, para estudar a relação entre léxico e cultura, detive-me na história local, na ocupação e no povoamento da região descoberto nos Sertões do Jacuhy. Em um segundo momento, não menos importante, centrei-me nos caminhos do boi e na pecuária de invernada.

Analisando os dados coletados, observamos que o carro de boi teve grande importância na cultura e no desenvolvimento econômico dessa região. Era bastante recorrente o uso de palavras que se referiam à profissão de carreiro/candeeiro, e tudo que envolvia tal atividade. A partir dessa observação e levando em consideração Krieger e Finatto (2004, p.16) que afirmam que “os termos compreendem tanto uma dimensão cognitiva, ao expressarem conhecimentos especializados, quanto uma dimensão linguística, tendo em vista que conformam o componente lexical especializado ou temático das línguas”, surgiu a ideia de abordar a terminologia do carro de boi nesse artigo.

É importante ressaltar que Lexicologia e Terminologia são bastante próximas, pois ambas fazem parte das

¹Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos). E-mail: gisele.ribeiro@uemg.br

²Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

³Coordenador da Editora da Unidade de Passos; Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos).

ciências do léxico. No entanto, a especificidade de seus objetos de estudos é diferente. Enquanto a Lexicologia abrange o léxico geral, a Terminologia aborda palavras específicas de uma determinada ciência, profissão e/ou atividade.

Neste trabalho fizemos um recorte no léxico rural de Passos, apontando apenas aquelas palavras que pertencem ao universo do carro de boi.

LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

As palavras servem para nomear o mundo que está em constante transformação e evolução, sendo as ocorrências da vida cotidiana dos falantes o que permeia o entrelaçamento entre língua e cultura. Os falantes da língua portuguesa, membros de uma mesma sociedade, compartilham entre si um conhecimento cultural do qual se valem naturalmente.

O léxico classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura, não apresentando, desse modo, apenas um conjunto de palavras, mas uma espécie de ponte entre os falantes de uma língua em suas condições reais de uso. A criatividade lexical dos falantes possibilita que eles criem e recriem de acordo com suas necessidades sociointeracionais.

Sobre essa questão, Biderman (2001, p. 179), assim, se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Estudos referentes ao léxico têm chamado a atenção de especialistas de campos diversos do saber, como sociólogos, antropólogos, filósofos e de pessoas em geral, atentas e sensíveis ao fato de que as unidades lexicais de uma língua são portadoras de significado e refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, como aponta Biderman (1981, p. 132) quando afirma que “se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural.”

Muito além de um conjunto de palavras, vemos que o léxico pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história, patrimônio esse que constitui um tesouro cultural imaterial, definido por Biderman (2001, p.14) como

Uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realida-

des cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Desse universo teórico, compreendemos que o sistema são possibilidades oferecidas às diferentes comunidades linguísticas.

No campo do léxico, Coseriu (1991) acredita que correspondem ao sistema as funções representativa e associativa. A primeira corresponde à particular classificação conceptual do mundo que toda língua representa, já a segunda é a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no momento da criação do signo quanto em sua repetição. Sobre esse tema, Biderman (1978, p. 20) discorre:

No domínio do léxico os valores semânticos tidos como “normais”, e igualmente as associações vocabulares consideradas “normais”, são função de sua frequência. Por conseguinte, os neologismos, tanto de forma como de significado, nos primeiros tempos em que são introduzidos no uso, geralmente causam impacto, ou, pelo menos, a impressão de estranheza, dada a sua novidade. E não estamos falando de significantes e significados gráficos. À medida que o uso dos neologismos se vai tornando frequente, passa a ser considerado como “normal” e assim esse novo vocábulo, ou esse novo valor de uma palavra velha, é incorporado à norma léxica da língua. Eis por que os neologismos, com frequência, não se encontram dicionarizados, pois o dicionário nada mais é que o repertório da norma vocabular.

TERMINOLOGIA

A Terminologia representa atualmente um amplo campo de estudos, tendo se desenvolvido principalmente nos últimos vinte anos do século passado.

Segundo Krieger & Finatto (2004, p. 16) desde tempos remotos, os homens criam e utilizam palavras para expressar e denominar conceitos, objetos e processos dos diferentes campos do conhecimento especializado.

Hoje, a referida ciência cresce ininterruptamente, conseguindo cada vez mais espaço nas grandes cidades do mundo e nos lugares mais distantes.

No Brasil, a Terminologia tem conquistado um espaço considerável. Os principais centros universitários do país têm grupos de pesquisadores especializados na área, trabalhos estão sendo desenvolvidos em quase todas as universidades do país, além disso, em diversos programas de pós-graduação, a disciplina ‘Terminologia’ já é oferecida há algum tempo.

No campo das pesquisas sobre os vocabulários especializados (ou os discursos especializados), a Terminologia progride ao seguir um caráter descritivista, acolhendo como objeto de estudo não só a comunicação realizada pelo especialista com formação profissional especializada, como também os especialistas com conhecimento empírico.

Cabré (1993, p. 37) diz que para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização con-

ceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional.

Os termos podem ser ao mesmo tempo um objeto teórico, descritivo e/ou aplicado. Cabré e Adelstein (2002) apontam que os termos, na qualidade de objetos teóricos, permitem questionamentos sobre sua identidade, suas diferenças com as palavras e sua forma de aquisição, bem como sobre o modo como se organizam na mente humana ou se integram em uma gramática. Por sua vez, estudos descritivos dos termos oferecem, por exemplo, dados sobre as estruturas produtivas das terminologias em um âmbito determinado.

Segundo Krieger (2005)

A identificação de um repertório terminológico não se resume à consideração pela área temática de conhecimento de que o termo participa, o que, obrigatoriamente, define seu plano conceitual, mas também importam as implicações pragmáticas que são agregadas à circulação de determinadas unidades terminológicas em alguns campos profissionais. Notadamente, este é caso de comunicações que objetivam estabelecer uma forma de ação, regulando, por exemplo, fazeres legais, normativos, administrativos, estratégicos, operacionais, entre uma ampla gama de possibilidades concretas seja em contextos, públicos seja privados.

PASSOS, UMA BREVE HISTÓRIA

Em meados do século XVIII, os “sertões do Jacuhy”, região geo-histórica da origem da comunidade de Passos, pertenciam à Província de São Paulo.

A descoberta de ouro em Jacuí e as faisqueiras (garimpos de pequena escala nos leitos e margens dos mananciais) em suas redondezas motivaram intervenção armada do Governador das Minas, Luís Diogo Lobo da Silva, em 1764, e a ocupação dos referidos sertões. A junta, presidida pelo Vice-rei, no Rio de Janeiro, confirmou, em 1765, a divisão anterior, decisão não respeitada pelo governo mineiro, seguindo-se uma acirrada “questão de divisa”, que se arrastaria pelo resto do século.

Como meio de assegurar a posse, tanto o governo de Minas quanto o de São Paulo incentivaram a fixação de “casais” da região. Os paulistas vieram da região de Mogi; os de Minas, de São João Del-Rei e Lavras do Funil. Muitos outros vieram diretamente das ilhas portuguesas.

Antonio de Freitas e Silva, médico na freguesia do Facão (SP), foi um dos primeiros a obter terras junto ao Ribeirão do São Francisco e do Bonsucesso, doando-as ao filho José de Freitas e Silva, que acabara de obter a ordenação sacerdotal.

Por volta de 1780, tendo morrido o pai, o jovem padre se fixou em Jacuí e implantou a Fazenda Bonsucesso ao pé do Morro de São Francisco, onde instalou a mãe viúva, Dona Faustina Maria das Neves, e outros familiares. Dona Faustina, daí para frente, dirigiu os destinos da fazenda, de cuja colônia, junto às faisqueiras do

Bonsucesso, se originou a cidade de Passos.

Os mineiros ocuparam as terras ao longo do Ribeirão Bocaina, dividindo com D. Faustina, Manoel Cardoso Osório e Eduardo Barros nas cabeceiras; os irmãos Domingos de Souza Vieira e João de Souza Vaz, Bocaina abaixo até a foz no rio Grande. Meio paulista, meio mineira, a povoação inicial seguia mais ou menos a direção do “caminho do Desemboque”.

À primeira e diminuta capelinha de Santo Antônio (edificada pelos paulistas) seguiu-se outra, na atual praça da Matriz, maior e em condição de ser curada, com a invocação do Senhor dos Passos (edificada pelos mineiros), cujo patrimônio foi doado por Domingos de Souza Vieira e Joaquim Lopes da Silva, este como herdeiro de D. Faustina das Neves. Prevaleceu a segunda, sendo modificado o traçado urbano anterior por arruadores de Jacuí.

A capela do Senhor dos Passos, iniciada em 1829, por iniciativa de Domingos Barbosa Passos, foi inaugurada em 1835, e o cura designado foi Francisco de Paula Trindade. Em 1840, por sua providência, o Bispado de São Paulo criou a paróquia independente, com a mesma invocação. Em 1848, os entrantes de Lavras reivindicam a criação da vila. Atendidos, a instalação da Vila Formosa do Senhor dos Passos se dá em 07 de setembro de 1850. Oito anos depois, foi elevada à condição de cidade, no dia 14 de maio de 1858. Assim, nascia o município de Passos. Segue abaixo um mapa do município de Passos:

OS CAMINHOS DO BOI E A PECUÁRIA DE INVERNADA

De acordo com Grilo (2009), aos caminhos que ligavam o vale do São Francisco aos sertões do Rio das Mortes, viabilizados desde a abertura da “picada de Goiás”, em 1736, somaram-se outros que podem ser resumidos assim (cf. mapa ilustrativo na sequência): 1. a salineira “de cima”, também denominada “picada do desemboque”: cruzava a Canastra, pelo alto dos chapadões,



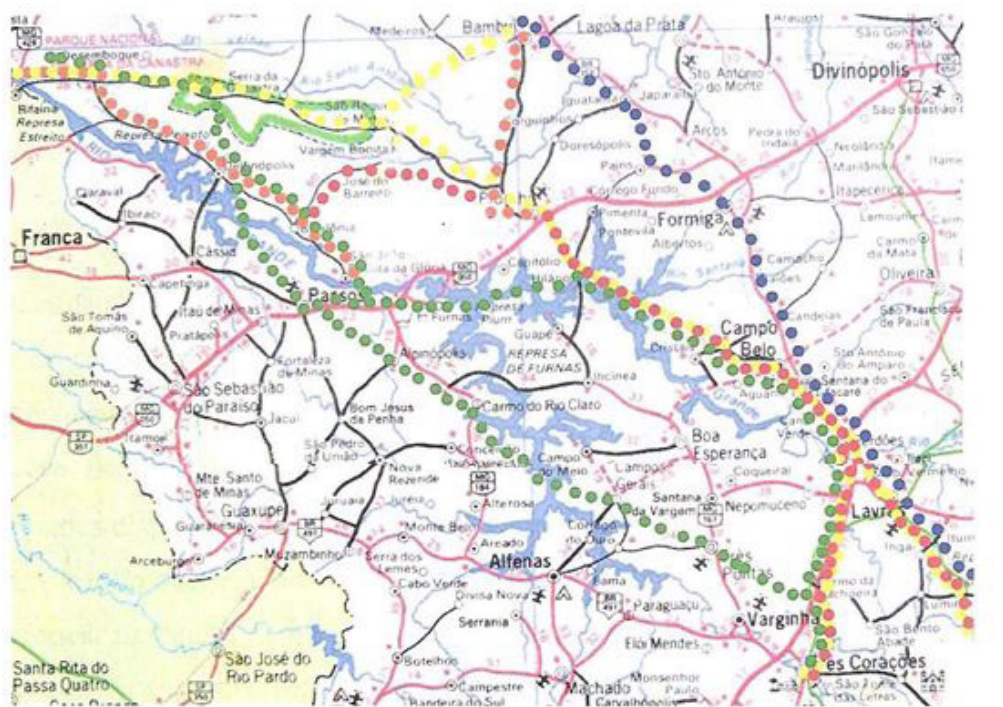
Mapa 1: Passos (MG).

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em 28 jan. 2010.

saía em São Roque (onde havia uma bifurcação para Bambuí), depois de Piumhi, onde encontrava a “picada de Goiás”, seguia por Campo Belo, daí para Perdões, bifurcando-se então para Lavras ou para Três Corações do Rio Verde; 2. a salineira “de baixo”: começava no chapadão da Zagaia, descia a “serra das sete voltas”, alcançava o “arraial da Forquilha” (Delfinópolis), seguia pela Babilônia (Olhos d’água), Ponte Alta e Glória; daí rumava para Piumhi por duas picadas: uma beira-rio (com trânsito difícil e às vezes apenas sazonal) e outra, rumando para a serra, alcançava o “chapadão do Bugre”, descia pelo “rolador” até São José do Barreiro e daí ao Piumhi, seguindo então a rota anterior; 3. a rota dos invernistas, posterior: conectada à anterior pelo “porto da Joana” (depois pela Ponte Surubim), seguia de Passos, margeando o Rio Grande, até a barra do Sapucaí, passava pelo arraial de Santo Hilário (antiga Capetinga) e encontrava a Picada do Goiás, como as anteriores; mais tarde, passou a seguir por Ventania, Carmo do Rio Claro, margem esquerda do Sapucaí, Três Pontas e, finalmente,

Três Corações. Todas se dirigiam para o centro comercial do Rio das Mortes.

Na segunda metade do século XIX, a convergência das condições materiais acabou por configurar, historicamente, duas regiões que viveriam em comum, pelo menos nos seus traços gerais, a experiência de um tipo original de comércio e pecuária bovina, passando a se caracterizar, respectivamente, como o “nordeste paulista” e o “sudoeste de Minas”. No lado paulista, a hegemonia seria exercida por Franca, e no sudoeste mineiro, por Passos. Franca obteve a cidadania em 1866 e Passos, em 1858. Além de localidades contíguas, com características semelhantes, estavam unidas pelo mesmo cordão umbilical do rio Grande, pelas mesmas pulsações do mercado e, a partir daí, pelo mesmo perfil de produção das condições materiais de existência: a invernada.



Legenda

- "picada de Goiás"
- salineira ou bojadreira "de cima", também denominada "picada do desemboque", antiga rota dos muare e do sal, praticada por paulistas e mineiros; o trecho dos chapadões corresponde à antiga "picada do desemboque".
- salineira ou bojadreira "de baixo"; utilizada por criadores de gado e de porcos, das margens do rio Grande; foi também utilizada depois pelos invernistas.
- Rota dos invernistas

Mapa 2: Os caminhos.

Fonte: GRILLO, 2009, p. 172

Não demorou muito tempo para que as duas cidades citadas acima não suportassem o número de pedidos de compra de gado. Elas não conseguiam atender com rapidez e eficiência todos os pedidos de carne. Em meados do século XIX, mesmo desconhecendo-se os seus detalhes iniciais, a alternativa representada pela existência dos grandes rebanhos bovinos dos “sertões dos goiases” e do “mato grosso”, também chamados de “pantaneiros”, tornou-se a grande opção para o abastecimento do mercado consumidor. Esses rebanhos, ali existentes desde o século XVII, eram formados pelo gado que se reproduziu nessas regiões em decorrência da expansão da Casa da Torre, de Garcia d’Ávila, pela margem esquerda do São Francisco.

Com o tempo, muitas fazendas ali implantadas tinham se transformado em grandes criatórios (e comércios) de gado sertanejo. É bem provável que os primeiros compradores tenham sido os negociantes paulistas. Tudo indica que foi pelo domínio da rota das monções que tiveram acesso aos rebanhos dos confins do rio Coxim, no Mato Grosso (HOLANDA, 1945; GODOY, 2003). Uma vez conhecida a existência dos rebanhos pantaneiros, a comercialização era evidente. O grande problema era resolver a questão do traslado dessas boiadas: primeiro, estabelecer a rota mais curta, mais prática e mais segura; o gado se transportaria a si mesmo, e a organização dos seus condutores não era problema maior; portanto, nada impedia que as boiadas fossem entregues no entreposto da comarca do Rio das Mortes ou nos abatedouros da Corte. O problema grave era que, ao término de viagem tão longa, bois e reses chegariam ao destino extremamente magros, mercadoria nada atraente para o abate.

Pelo que foi exposto, percebemos que a questão agropecuária foi fundamental para a formação econômica e cultural desse município sul-mineiro. O gado e as atividades relacionadas a ele fazem parte da vida das pessoas desse lugar há muito tempo. Convém ressaltar aqui que todo transporte de mercadorias era feito através dos carros de bois. Portanto, é de se esperar que haja reflexo desse contexto na história, nos costumes e hábitos dos moradores, principalmente daqueles da zona rural de Passos (MG).

Após focar aspectos históricos da região Sul/Sudoeste de Minas, principalmente de Passos, indispensáveis para fundamentar um estudo do léxico, passemos aos procedimentos metodológicos.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Para fundamentação teórica deste trabalho, procedemos à leitura de vários textos de diversos autores que tratam do léxico, da terminologia e da sua relação com a cultura e a sociedade. Nossa pesquisa se apoia, portanto, nos fundamentos da Sociolinguística, da Lexicologia e Terminologia.

Como se trata de um trabalho de cunho lexicológico

e/ou terminológico, envolvendo, portanto, a sociedade e a cultura locais, propusemo-nos, a focalizar aspectos históricos da região pesquisada, conhecimentos necessários, segundo Seabra (2004), para um estudo bem fundamentado do léxico regional.

Os dados aqui apresentados foram retirados do corpus da dissertação intitulada “O vocabulário rural de Passos: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy”, escrita por Ribeiro (2010). Em um primeiro momento, lemos as entrevistas realizadas com pessoas idosas (acima de 75 anos) que variavam a escolaridade entre não alfabetizados e alfabetizados. Em seguida, retiramos aquelas lexias que representavam a terminologia do carro de boi. Em um terceiro momento, expusemos a constituição de um glossário das lexias referentes à atividade do carro de boi. Convém enfatizar que todas as lexias aqui expostas estão escritas conforme a pronúncia utilizada pelos entrevistados.

GLOSSÁRIO

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes. As entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.

Os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, ao passo que os verbos estão no infinitivo.

Após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo Aurélio¹ (A); se não é dicionarizado em nenhum dos seis dicionários consultados (n/d); se não é dicionarizado no Aurélio, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A).

A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações vêm abreviadas. Para saber o que as abreviaturas significam, há uma lista no final desta apresentação.

Após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso corpus. Em alguns verbetes, fazemos observações que se encontram entre parênteses.

A frase de abonação (em itálico) mostra como a palavra é usada na região estudada.

Quando aparece a indicação Cf., sugerimos que se veja a outra palavra indicada.

• Abreviaturas e convenções

A - dicionarizado no Aurélio

adv. - advérbio

afr. - africanismo

arc. - arcaísmo

ár. - árabe

cast. - castelhana

Cf. - conferir

cont. - controversa

desc. - desconhecida

¹Aurélio *Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*

esp. - espanhola
espr. - expressiva
fr. - francesa
ind. - indigenismo
inf. - informante
lat. - latim
loc. adv. - locução adverbial
n/A - não-dicionarizado no Aurélio
n/d - não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas
n/e - não encontrada
mal. - malaia
NCf - nome composto feminino
NCm - nome composto masculino
Nf - nome feminino
Nm - nome masculino
obs. - obscura
onomat. - onomatopaica
PESQ. - pesquisadora
prep. - preposição
pron. - pronome
Ssing - Substantivo singular
v. - verbo

B

Boiadero •(A)•Nm [Ssing]• Lat. • Indivíduo que guia os bois nas estradas para alcançarem novas pastagens ou serem vendidos nos mercados. • Ah, tinha aqueles boiadero que passava lá. ... Mais é o que eu tô falano. Quando os boiadero que tocava os boi pá levá pá/ pá Gaspá Lopes... És falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas... (Ent. 14, linhas 273, 310 e 312)

Brocha •(A)•Nf [Ssing]• Fr. • Correia que abraça o pescoço do boi. • INF.: Chamava brocha. É uma pecinha pequena assim. PESQ.: Brocha? INF.: É brocha. É feita de coró tamém. (Ent. 14, linhas 359 e 361)

C

Cabeçaió •(A)•Nm [Ssing]• Lat. • Timão do carro, do qual pende a canga. • Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaió, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)

Cadião •(n/d)•Nm [Ssing]•(n/e) • Peça que compõe a mesa do carro de boi. • É. E a mesa é composta tamém por cadião, é uma parte de fora. (Ent. 14, linha 410)

Cambão •(A)•Nm [Ssing]• Lat. • Peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta de bois. • E dipois tinha os cambão. Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coró mais grossona páguentá, né? (Ent. 14, linha 363)

Cambota •(A)•Nf [Ssing]• Lat. • Parte circular da roda do carro de boi. • INF.: Intão, tinha três peça. PESQ.: Hã? INF.: Duas cambota, um mião. Miãoia no meio. (Ent. 14, linha 384)

Candiero • (A)•Nm [Ssing]• Lat. • Indivíduo que vai a frente do carro de boi. • Eu cheguei a arcançá um poco do tale candiero ... Candiero tem dois nome pra candiero. Tem o candiero é/ carrero de boi que chama os boina frente (). (Ent. 14, linhas 207 e 209)

Canga • (A)•Nf [Ssing]• Cel. • Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro de boi. • Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereianocaquelacangaia até tirá corda do pescoço pá depois pô a canga. (Ent. 4, linha 141)

Cangaia • (A)•Nf [Ssing]• Cel. • Armação de madeira ou de ferro e que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereianocaquelacangaia até tirá corda do pescoço pá depois pô a canga. (Ent. 4, linhas 140 e 141)

Caníço • (A)•Nm [Ssing]• Lat. • Trançado que se coloca nos carros de boi, quando conduzem carga leve ou miúda. • INF.: Mais ês fazia só de taquara, né? Intão, tinha a isteradipois a parte de tráis páfechá a istera, ela era vortuada assim. PESQ.: Hã? INF.: Era caníço. PESQ.: Caníço? INF.: Chamava caníço. Era uma peça.... (Ent. 14, linhas 444 e 446)

Canzil • (A)•Nm [Ssing]• Cel. • Cada um dos dois paus da canga, entre os quais o boi mete o pescoço. • Tinha os tamoero, dipois tinha os canzil que era os buraco que ia imbaxo pábotuá no pescoço do boi. (Ent. 14, linha 356)

Carrero •(A)•Nm [Ssing]• Lat. • Guia de carro de bois. • O Zé Coração é carrero. (Ent. 4, linha 169)

Carriar • (A)• [V]• Cast. • Ato ou efeito de colocar os bois que fazem parte da composição de um carro de boi para se movimentarem; conduzir o carro de boi. • Põe mais poco. Fica mió de carriá. (Ent. 4, linha 204)

Carro de boi • (A)•NCm [Ssing + prep + Ssing]• Lat. • Carro movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parrelhas de bois, e guiado por carreiro. • PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero. (Ent. 9, linha 11)

Chaveia • (n/A)•Nf [Ssing]• Lat. • Peça de pau, que se mete no cabeçalho do carro de boi. • Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaió, chaveia, do meio, pé da guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)

Chumaço • (A)•Nm [Ssing]• Lat. • Peça de madeira sobre a qual gira o eixo do carro de bois, e que produz o chio característico desses carros. • Oca. E dipois tem o exotamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz-cantá o carro de boi. ... Chama/ é o chumaço. (Ent. 14, linhas 405 e 408)

Cocão • (A)•Nm [Ssing]• Peça sobre a qual gira o eixo do carro de bois. • PESQ.: No exo, era o exo que fazia ele cantá? INF. 1: É, uai. Aí rodava no cocão assim e cantava. (Ent. 4, linha 165)

D

Dereiar • (n/d)• [V]•Guiar carro de boi. Ele ficava de-reiano caquelacangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga. (Ent. 4, linha 140)

F

Fuero • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Estaca destinada a amparar a carga do carro de bois. • INF.: Era duas peçavortiada. As cheda é onde vai o fueropapo aquela... PESQ.: Vai o suero? INF.: Elas vem cum doze fuero. PESQ.: Ah! Fuero! INF.: Os fuero é mai'o[u] meno de metro. Intão põe elaincarriada assim e... (Ent. 14, linhas 423, 425 e 427)

M

Mansa de carro • (n/d) • NCf [ADJsing + Ssing] • Lat. • Boiada preparada para o carro de boi. • PESQ.: Que que o senhor fazia mais? E a dona C. ajudano. INF. 2: Ajudano. Quantas boiadanóisvendemo, mansa de carro. (Ent. 4, linha 129)

Mião • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peça que prende o eixo do carro de boi. • INF.: Duas cambota, um mião. Miãoia no meio. PESQ.: Como que chamava? INF.: Mião. PESQ.: Mião? INF.: Mião. É. Cambota era feita de três peça. (Ent. 14, linhas 384, 386 e 388)

P

Pé-da-guia • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Junta de bois que está localizada atrás da guia. • Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaiio, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent.4, linha 223)

R

Rodero • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Eixo de um carro ou de uma máquina. • PESQ.: Que que é mesa? É a parte de trás? INF.: A mesa é o que ia em cima dos rodero. (Ent. 14, linha 414)

S

Soga • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Tira de couro, cujas extremidades se prendem às pontas do boi, e pela qual ele é puxado ou guiado. • Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui. (Ent.4, linha 211)

T

Tamoero • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peça central do carro de bois. • Aqui tem um cambão que infia aqui nesse tamoero. (Ent. 4, linha 213)

Tiradera • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Correia ou corrente que, nos carros de bois puxados por quatro animais, prende a canga dos bois da frente à dos bois do coice. • Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coromais grossona paaguentá, né? (Ent. 14, linha 363)

CRITÉRIO ONOMASIOLÓGICO

Apresentamos a seguir o quadro geral de classificação, seção que mostra a estrutura geral das relações existentes entre os grandes grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica ou em campos de significados comuns.

• Transporte de pessoas/ objetos e/ou animais

Carro de boi (brocha, cabeçaiio, cadião, cambão, cambota, canga, cangaia, caniço, canzil, carriar, chaveia, chumaço, cocão, dereiar, fuero, mansa de carro, mião, pé-da-guia, rodero, soga, tamoero, tiradera)

• Ocupações

Boiadero, candiero, carrero

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo apresentar a terminologia do carro de boi presente no vocabulário rural do município de Passos – localizado no Sul/Sudoeste de Minas, relacionando-a a história e à cultura da região. À medida que desenvolvíamos o artigo em questão, acreditávamos, cada vez mais, no dizer de Krieger & Finatto (2004, p.22): a terminologia constitui-se em um campo de conhecimento que, ao dialogar com diferentes áreas especializadas, se capacita a estabelecer princípios e métodos de elaboração de ferramentas e produtos, tais como sistemas de reconhecimento automático de terminologias, glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos.

Traçamos um perfil da atividade dominante na região, através dessa pesquisa: o léxico especializado do carro de boi nessa parte do Sudoeste de Minas reflete o mundo rural – a forma como as pessoas da época faziam o transporte de objetos, mercadorias entre outras coisas. O meio como alguns ganhavam a vida e faziam com que a economia se desenvolvesse. Pudemos conhecer também a cultura do carro de boi, uma atividade hoje quase extinta. Sociedade e cultura refletidas na língua, tão bem descritas nas palavras de Aragão (1992, p.01) quando afirma que “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa.”

REFERÊNCIAS

- ADELSTEIN, A.; CABRÉ, M. T. **The specificity of units with specialized meaning: polysemy as explanatory factor.** D.E.L.T.A, São Paulo, v. 18, 2002.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário.** 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (reprod. Facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- ARAGÃO, M. do Socorro S.de *et al.* **O conto popular na Paraíba.** Um estudo lingüístico-gramatical. João Pessoa: UFPB, 1992.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- _____. Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CABRÉ, M. Teresa. **La terminología.** Barcelona, Antártida, Ampúries, 1993.
- COSERIU, Eugenio. El hombre y su lenguaje. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FINATTO, M. J. B.; KRIEGER, M. G. **Introdução à Terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.
- GODOY, S.A. de. **Negociações e conflitos na rota das monções.** Em Estudos de História, v. 10 n. 2. Franca, SP., UNESP, Franca, 2003.
- GRILO, A.T. **Tocaia no fórum: violência e modernidade.** 2009. Tese (Doutorado em História) – USP – Franca – 450 p.
- HOLANDA, S.B. de. **Monções.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Ceb-rj, 1945.
- KRIEGER, M. G. **Terminologias em construção: procedimentos metodológicos.** Disponível em http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/artigos/artigo_ABE-CAN_2005_KRIEGER.pdf. Acesso em 10 de maio de 2014.
- RIBEIRO, G.A. **O vocabulário Rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertoões do Jacuhy.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – UFMG – Belo Horizonte – 256 páginas.
- SEABRA, M.C.T.C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo.** 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 368 páginas.